

DAIANE DOS SANTOS NOS JOGOS OLÍMPICOS DE ATENAS 2004 – UMA CONSTRUÇÃO MIDIÁTICA

Gustavo Roes Sanfelice

RESUMO

A figura de uma menina pobre, negra e campeã mundial de ginástica de solo é ofertada para as mídias. Daiane dos Santos, brasileira e midiática pelo resultado do campo esportivo chega aos Jogos Olímpicos de Atenas/2004 como grande favorita ao ouro olímpico. O ouro não veio e a “gauchinha de ouro” foi re-contextualizada a partir de mapas de significado distintos dos jornais Zero Hora e Folha de São Paulo. Essas distinções são o foco deste texto evidenciando os enquadramentos dos dois veículos a partir das especificidades regional e nacional.

Palavras chaves: Enquadramento. Mapas de Significado. Agendamento.

ABSTRACT

The picture of a poor, black girl who is a solo gymnastics world champion is offered to media. Daiane dos Santos, Brazilian and mediatic by way of the result in the field of sports, qualifies to Athens 2004 Olympic Games as a strong favorite to win the Olympic gold. The gold didn't come and the “golden gauchinha” was contextualized again starting from different maps of meaning on Zero Hora and Folha de São Paulo newspapers. These differences are the standpoint of this text evidencing the framings of these two media considering regional and national singularities.

Key words: Framing. Maps of Meaning. Agenda-Setting.

RESUMEN

La figura de una niña pobre, negra y campeona mundial de gimnasia de suelo es ofrecida para las mass media (los medios de comunicación). Daiane dos Santos, brasileña y mediática por el resultado en el campo deportivo llega a los Juegos Olímpicos de Atenas/2004 como gran favorita al oro olímpico. El oro no vino y la "gauchita de oro" fue re contextualizada a partir de mapas de significado diferente de los periódicos Zero Hora y Folha de São Paulo. Estas distinciones son el foco de este texto evidenciando los encuadramientos de los dos vehículos a partir de las especificidades regional y nacional.

Palabras clave: Encuadramiento. Mapas de Significado. Agenda.

O início

Uma jovem mulher de pequeno porte, pobre e negra, do extremo sul do Brasil, desencadeia visibilidade a uma modalidade esportiva de, até então, restrita mobilização nacional: a ginástica artística de solo. A cada pódio de competições mundiais que Daiane dos Santos conquistava, em coreografia embalada pela canção *Brasileirinho*, ascendia na condição de estrela midiática. Inicia-se todo um processo de agendamento

que culmina nos Jogos Olímpicos de Atenas, no qual havia chances concretas da atleta proporcionar ao Brasil uma inédita medalha de ouro na ginástica olímpica. A cobertura da mídia é intensa e o país praticamente para acompanhando ao vivo, pela televisão, a performance de Daiane. Ela tropeça, fica em quinto lugar e toda a construção de heroína nacional que lhe é imposta começa a ser reconfigurada.

Mesmo que a televisão centralizasse o agendamento do percurso da atleta, os jornais, classificados como de referência, entraram no entusiasmo midiático em torno dela com lógicas e operações próprias. A Zero Hora, principal jornal do Rio Grande do Sul, e a Folha de São Paulo, um dos mais importantes do país, realizaram, cada qual a seu modo, cobertura volumosa sobre a participação de Daiane nos Jogos Olímpicos.

Como, até então, o Brasil não tinha tradição na prova de ginástica de solo, a figura de Daiane dos Santos materializou a condição do Brasil de conquistar uma medalha, deflagrando a uma rede simbólica de significados derivados da conquista do ouro, o dominador frente ao dominado¹, a “Nação no lugar mais alto do pódio”, figura enunciativa, muitas vezes elegida como *gran finale* pela mídia.

A prova olímpica em questão foi individual, proporcionando a objetivação da representação em uma atleta, não em uma equipe, uma coletividade, que em princípio daria idéia de Nação e pluralidade. Nesse sentido, a vitória representaria para a atleta um *status* de heroísmo, muito em função do estar “sozinho”, defender a Nação a partir da individualidade. Daiane dos Santos ofertou-se como representante dos símbolos nacionais, como as cores da bandeira brasileira em seu uniforme e a tradicional música “Brasileirinho”, chorinho que deu o ritmo da sua coreografia.

Interessando-nos pesquisar como se deu o discurso oficial da grande imprensa em relação a um fenômeno tão importante socialmente, culturalmente e economicamente. Ainda, como a Zero Hora e a Folha de São Paulo articularam seu discurso na cobertura para que seus leitores compreendessem a ginástica artística, modalidade disputada pela atleta Daiane dos Santos, esporte que a maioria da população não conhecia.

Que enquadramentos essas publicações, dadas às suas especificidades, produziram nessas coberturas? Quais os mapas de significado construídos por conta das singularidades dessa atleta?

O caminho...

O *corpus* foi coletado nos dias 24 (dia após a prova da final do solo) e 25 de agosto de 2004, durante a realização dos Jogos Olímpicos de Atenas/2004. Os jornais selecionados têm periodicidade diária e ambos enviaram jornalistas para fazer a cobertura dos Jogos em Atenas. Consideramos essencial esse fato, na medida em que denota uma construção da notícia *in loco*. Isso possibilitou um enquadramento da produção frente ao contexto sociocultural dos leitores.

¹ O dominador frente ao dominado refere-se às práticas enunciativas utilizadas pelas medias nas coberturas esportivas. Como exemplo, podemos citar: o primeiro mundo versus o terceiro; capitalistas versus socialistas, Europa versus Américas, etc. Essa construção discursiva dos medias acaba influenciando a dinâmica do próprio campo esportivo. Nesse aspecto, citamos o quadro de medalhas nos Jogos Olímpicos, sendo uma proposição midiática, pois o Comitê Olímpico Internacional não utiliza nenhum tipo de classificação dessa natureza.

A identificação dos mapas de significados² pelos dois jornais deu-se a partir nos textos jornalísticos, nas fotos, nas legendas, nos títulos, nas linhas de apoio (fragmentos de registro), enfim, tudo que representou a cobertura da brasileira Daiane dos Santos. Foram consideradas as capas e contracapas dos dois jornais, bem como dos suplementos especiais de cobertura dos Jogos Olímpicos de Atenas/2004 e caderno de esportes.

Os fragmentos de registro foram analisados pela lógica da construção da notícia dos referidos jornais por dia, e também relacionados com o período do recorte. Com isso, foi construído o mapa de significados destas publicações sobre a participação de Daiane, alinhados com os enquadramentos³ semânticos estabelecidos para cada matéria, título, linha de apoio, foto, enfim, tudo que sistemicamente teve relação com a construção do mapa.

A baixinha de “ouro”!?

Daiane dos Santos, brasileira, gaúcha, negra, pobre, baixa, mulher: este é o conjunto de características que lhe credenciam como oferta de sentidos trabalhados pelos jornais Folha de São Paulo e Zero Hora. A exuberância de seus movimentos, os resultados conquistados anteriormente à disputa dos Jogos Olímpicos de Atenas/2004, aproximaram Daiane dos brasileiros e gaúchos. Essa proximidade é construída via campos dos medias, transbordando a ordem da ação dos sujeitos (práxis social) e, conseqüentemente, pela ordem do discurso midiático, Daiane, através do esporte, torna-se midiaticizada. Além do campo dos medias definirem quais os acontecimentos que merecem sua atenção, também para Hall et. al. (1999) eles vão oferecer poderosas interpretações de como compreender esses acontecimentos.

Os jornais em questão, além das especificidades editoriais, tornam-se díspares nos enquadramentos e, conseqüentemente, na configuração dos mapas de significados. O grande acontecimento, a vitória de Daiane dos Santos, foi previamente agendado, tematizado nos respectivos jornais. Conforme os fatos foram se delineando, desde a preparação de Daiane para os Jogos, até a classificatória e a final Olímpica, os *frames* foram alterando-se em função de novos fatos que vinham à tona.

Alguns fatos ocorridos previamente ao período de análise são recorrentes na cobertura dos dois jornais, como por exemplo, as conquistas anteriores de Daiane dos Santos, campeã mundial do solo e líder do *ranking* internacional, como também a sua operação no joelho direito. Esses dois fatos são significados em diversos *frames*, ou seja, as estruturas reconhecidas pelos leitores dos jornais, alinhadas a diferentes

² “As coisas são noticiáveis porque elas representam a volubilidade, a imprevisibilidade e a natureza conflituosa do mundo. Mas não se deve permitir que tais acontecimentos permaneçam no limbo do “aleatório” – devem ser trazidos aos horizontes do “significativo”. Este trazer de acontecimentos ao campo dos significados quer dizer, na essência, reportar acontecimentos invulgares e inesperados para os “mapas de significado” que já constituem a base do nosso conhecimento cultural, no qual o mundo social, já está “traçado”. A identificação social, classificação e contextualização de acontecimentos noticiosos em termos destes quadros de referência de fundo constitui o processo fundamental através do qual os media tornam o mundo a que fazem referência inteligível a leitores espectadores” (Hall et al., 1999 p. 226).

³ Os enquadramentos (*frames*) na obra de Goffman referem-se aos princípios básicos de organização social da experiência de uma situação social, que regulam definições dessas ações sociais e o envolvimento dos atores com elas. Sendo assim, as premissas que sustentam a definição social de uma atividade, tanto na própria atividade quanto no alinhamento mental dos participantes (GASTALDO, 2004)

contextos. Nesse sentido, os mapas de significado tornam-se um conjunto de *frames* de um mesmo acontecimento.

O quase “ouro” da baixinha

No dia 24 de agosto de 2004, ZH é remissiva ao que não aconteceu. O jornal contextualiza, explica tecnicamente, projeta o futuro de Daiane por ela mesma, não busca culpados, propõe benevolência e memória em relação à Daiane. Tudo isso através da capa do jornal e caderno especial e mais cinco páginas internas do caderno referido.

O caminho trilhado pelo mapa do dia anterior não deu certo, Daiane não conquistou o ouro. Os *frames* estabelecidos no dia anterior são ressignificados. A gauchinha não ganhou o ouro, mas a “Gauchinha de ouro, sim” (título das páginas seis e sete). E ainda termina de “Cabeça erguida” (título da capa do caderno especial Atenas/2004). Daiane, mesmo perdendo o ouro, para ZH ainda tem seu valor (ouro), pois é daqui, e segundo a legenda da foto que representa o título citado acima: “Daiane errou em sua apresentação, terminou em quinto lugar no solo, mas fez história como melhor ginasta do país em olimpíadas”. Na capa do caderno especial, a gauchinha, mesmo perdendo, terminou de cabeça erguida. As duas capas demonstram referência à Daiane.

Simbolicamente, Daiane obteve uma vitória: a de fazer o país discutir ginástica. ZH procura reenquadrar o resultado de Daiane (5º lugar), sendo que o tom é o seguinte: Daiane fez, não a esquecemos por aquilo que ela não fez. A rota é redefinida, muda o rumo, porém os elementos contextuais são preservados. Há uma reaproximação discursiva em função de um fato⁴ que se transformou em um acontecimento⁵. Não há vitória, ouro, heroína (herói é aquele que vence), ou seja, não há o espetacular, mas, sim, um resultado do campo esportivo que precisa ser trabalhado pelo campo das medias.

Os atores elegidos anteriormente como co-participes da vitória de Daiane são chamados à baila por ZH. Acima do título é apresentada a fala da técnica que orientou Daiane nos primeiros passos (Adriana Alves): “Ela está de parabéns. Vai continuar sendo para todos nós, uma grande estrela” (p. 06). Na página 07, fala de Oleg (treinador de Daiane): “Ela errou na 1ª linha e errou na 2ª. Aí acabou tudo”. Para Adriana ela continua sendo, para Oleg acabou. São falas remissivas a lugares diferentes. A objetividade do técnico frente ao resultado, e a emotividade da primeira treinadora.

Na página seis, Mário Marcos de Souza escreve um texto com o seguinte título: “Uma vencedora”. O tom do texto é de valorização à figura de Daiane. Ele comenta que o Brasil costuma virar as costas para seus ídolos e isso não seria justo com ela. Em função de Daiane, o país começou a falar de ginástica com ares de entendido. A imagem de fortaleza física e mental da menina que saiu de um bairro pobre e driblou as dificuldades da vida. Há uma clara preservação atleta em função do tom da cobertura do dia anterior.

⁴ Fatos são ações sociais configuradas pela definição de situação e enquadramentos do momento da ação. “O fato serve de envelope para a experiência” (Mouillaud, 2002 p. 60)

⁵ O acontecimento é móvel, trata-se de um fragmento extraído de uma totalidade que por si só não pode ser compreendida, necessita de uma moldura, um enquadramento. Essa moldura, para Mouillaud (2002), isola um fragmento da experiência, separa-o de seu contexto e permite a conservação e o seu transporte. Acontecimentos são construções discursivas a partir das experiências sócio-simbólicas dos sujeitos ou de um sistema determinado, como exemplo, o Midiático.

Ainda, Mário utiliza simbolicamente a figura da dominação/ reverência ao escrever que “O mundo inclina-se diante dela em sinal de humildade e de reverência”. Para Mário, foi ela com sua força que nos colocou no mapa da ginástica mundial, levando o terceiro mundo para o pódio (relativo aos fatos anteriores à disputa). No aquecimento, Daiane foi convidada por um atleta canadense de 1º mundo a bater uma foto com ele, aquela ginasta de 1,45m. de altura. Ficará a imagem de uma brasileira típica. Qual brasileiro não se emocionou com a cena? Mário finaliza seu artigo pedindo que agradecêssemos à Daiane. O país tem mesmo esta dívida com ela.

A dominação/ reverência aconteceu muito mais em função do que Daiane havia conquistado antes da final Olímpica. Mário usa a simbologia da dominação do 1º mundo em relação ao 3º para justificar nossa dívida com Daiane!? Ou, então, qual seria a dívida dos brasileiros para com ela? Mário promove uma troca de papéis em função de um outro *frame*: seus resultados anteriores e a reverência do ginasta canadense. A situação necessitava de um novo *frame*, mesmo que construído anteriormente. Mário “vira o jogo” para Daiane. Passamos de credores a devedores. Haja vista a quantidade de brasileiros que têm destaque internacional e são reverenciados pelo mundo e não merecem tal destaque, Daiane merece por estar na mídia, sendo veiculado seus saltos para todo o mundo, principalmente via TV.

No mesmo significado do texto de Mário Marcos, ZH publica na página 07 sua “Opinião”. Título: “Mais do que ouro”. A matéria fala que a gauchinha Daiane dos Santos ficou em 5º lugar e que só isso mereceria comemoração num país que dá pouca atenção ao esporte como o que ela pratica. Ainda, comenta da expectativa demasiada em torno da menina pobre que se tornou uma atleta de elite numa idade avançada para a modalidade. Entretanto, quem agendou esse possível resultado foram às mídias, logicamente baseadas no contexto.

Daiane tinha o peso de um país inteiro nas costas. Razão para o pequeno desequilíbrio que a afastou do pódio. Essa figura discursiva que ZH propõe é quase “uma meia culpa” em função das matérias do dia anterior. Os brasileiros saltaram com Daiane e o sobrepeso a derrubou. Quem colocou os brasileiros em seus ombros e justamente na hora de seus saltos? Ao criar uma expectativa sobre seu resultado, a mídia a derrubou.

ZH afirma que a atleta saiu digna e altiva do desafio que não conseguiu superar. Destaca que ela já superou desafios maiores, como o da lei da gravidade (seu salto DOS SANTOS). Daiane merece o reconhecimento dos brasileiros, porque ela própria é um milagre da superação e a superação vale mais do que ouro.” Essa construção discursiva segue a mesma lógica de Mário Marcos, trocando o foco e os papéis. O papel que ela estava desempenhando na disputa era o de atleta, figura relativa ao herói. A figura humana de Daiane foi quem superou a pobreza, a idade, enfim, foi a quem perdeu, pois ela não conseguiu superar seus próprios limites. O herói supera tudo, o humano tropeça nos seus limites.

Na página oito, no mesmo dia, ZH, didaticamente, explica através de fotos dos saltos de Daiane, o que ela errou, quais os movimentos excetuados e de onde saiu a sua nota final: 9.375. Ainda, dá voz a Kiko, técnico de Daiane, onde este diz que a nota foi justa e não dá para reclamar. Zero Hora sai do campo subjetivo, atrelado aos sentimentos e derivações futuras do resultado de Daiane, para explicar tecnicamente este resultado. Discutiu o produto para depois falar do processo (final do solo). Título: “Três passos decisivos”. ZH abre mão de elementos sócio-simbólicos por um pequeno instante, pois na página 09 volta a apresentar esses elementos.

A última página referente à cobertura do resultado de Daiane dos Santos é remissiva à chamada que ZH fez no dia anterior, no onde assistir. Estão em destaque três locais de Porto Alegre, cidade de Daiane, onde havia torcida por ela. Um em destaque. Título: “Não esqueçam dela” – apelo da mãe de Daiane. Texto abaixo: “O Brasil parou para ver Daiane se apresentar”. Comenta do Grêmio Náutico União em POA, onde Daiane começou, além do Mercado Público (espaços onde havia telões). Na casa de Daiane, em Porto Alegre e em todos os cantos do país (não faltou torcida). A matéria fala que o Brasil parou, porém a amostragem de ZH é de Porto Alegre em três lugares. Evidente que houve um grande interesse nacional em função da final, mas a generalização é feita de lugares próximos aos consumidores dos jornais e de Daiane.

Por fim, Zero Hora encerra com uma matéria sobre o Mercado Público em Porto Alegre. Título: “Telão no Mercado Público atrai torcida”. Matéria: um “óóó” ecoou quando Daiane errou. Duzentas pessoas assistiam em um telão a apresentação de Daiane, entre elas, o prefeito de Porto Alegre João Verle. Segundo a matéria, as pessoas viraram técnicos como no futebol. Todos palpitavam sobre a apresentação de Daiane. Assim que a espanhola obteve melhor nota que Daiane, a multidão começou a se dispersar. Poucos ficaram até o fim, admitiram a tristeza, mas dão força. “Não é decepção. Uma derrota não nos faz fracassados” – disse Elisete Colle, coordenadora da área do Mercado Público.

O Mercado Público representa um espaço público que daria ideia de pluralidade, além disso, ZH compara os comentários das pessoas sobre a performance de Daiane ao futebol. Essa comparação é uma afirmação de um dos maiores traços identitários do brasileiro, o futebol e sua seleção nacional. Podemos destacar que, diferentemente da seleção brasileira de futebol, quando esta perde, todos procuram culpados, criticam a atuação dos jogadores. Porém, ZH privilegiou a resignação. Descrição da foto: pessoas em frente ao telão (a foto foi tirada das costas das pessoas) assistindo às apresentações.

O dia após a apresentação de Daiane, na Folha foi diferente em relação à ZH. A Folha deu voz a Daiane, reproduzindo suas falas nas entrevistas. Não houve nenhuma apologia à atleta, mas como ZH, a Folha foi remissiva ao que havia “enquadrado” no dia anterior. Nota-se que há uma “contaminação” entre os textos em relação ao dia anterior e do dia seguinte à final do solo. São marcas do processo de produção que aparecem nos textos, dadas as pré-configurações das coberturas.

Na capa do jornal do dia 24 de agosto de 2004, a Folha publicou uma foto de Daiane à esquerda da página pisando fora do tablado durante a sua apresentação com uma árbitra ao fundo anotando, provavelmente, seu erro. A legenda diz: “Daiane, diante da juíza, pisa fora de limite do tablado”. Abaixo há um título sobre Daiane com uma pequena chamada para as páginas internas do caderno especial. Título: “Daiane dá passos em falso e fica em 5º lugar”. A matéria abaixo comenta que Daiane ficou em quinto lugar e que o ouro foi para a Romênia.

A Folha relativiza, dizendo que a colocação de Daiane é a melhor da ginástica brasileira em Olimpíadas. Destaca que Daiane cometeu cinco erros e traz uma fala de Daiane: “Eu errei. É uma coisa que acontece”. Ainda comenta que a ginasta não sabe se ainda agüenta competir na próxima Olimpíada e finaliza com uma chamada para as páginas internas.

O veículo mantém um certo distanciamento em relação ao acontecimento. Não há relação contextual, mas, sim, uma narração fria sobre os fatos. Alguns sentidos foram soltos nas páginas sem serem contextualizados e até mesmo textualizados em forma de matéria pelo jornal. Como exemplo, podemos citar uma frase de Ricardo Prado, na página 04 do caderno especial: “Claro que não gostei. É difícil ver a campeã do mundo

não conseguir repetir sua melhor performance. Eu me identifico muito com ela. Em 1984, eu também carregava uma pressão imensa. Você não compete mais só por você, por seus objetivos. Você passa a competir pelos outros, pelo país todo”. – Ricardo Prado – ex-nadador, medalha de prata nos 400m medley em Los Angeles-1984, quando chegou ao torneio como principal esperança da delegação.

Logicamente, que essa frase “solta” tem uma intencionalidade do jornal, porém há um descomprometimento com a narrativa jornalística. Parece que a Folha tenta passar um tom sentimental, mas sem perder seu distanciamento em relação à cobertura.

Na capa do caderno especial Atenas 2004, a Folha ilustra o seguinte título: “Um país que sabe ganhar e que ontem aprendeu a perder”. O título foi conjugado com a foto de Daiane dos Santos. Acima da frase: um país que sabe ganhar, a Folha apresenta fotos de Emanuel e Ricardo (finalistas olímpicos), a equipe feminina de futebol (finalista) e Adriana Behar e Shelda (finalistas). Abaixo da frase, a foto de Daiane prostrada, com o complemento: “e que ontem aprendeu a”. A legenda da foto diz: “Daiane dos Santos pega as sapatilhas depois de completar a seqüência que, marcada por cinco erros, lhe tirou as chances de medalhar no exercício de solo”. A palavra “PERDER” está abaixo da foto em letra maior que as demais, certamente fazendo referência a Daiane.

Importante destacar que como a Folha no dia anterior havia apresentado o mapa político de uma possível vitória de Daiane, agora o jornal apresenta um país que perdeu, simbolicamente não só o ouro, mas também os elementos referidos no dia anterior. Ainda na capa, a Folha apresenta as primeiras explicações. Título: “Sem lágrimas, apelos, nem lamentos, Daiane surpreendeu com um “Eu errei” ao se despedir de Atenas sem o pódio que o Brasil julgava certo”. Abaixo há uma matéria assinada por Roberto Dias, Edgard Alves e Guilherme Roseguini (enviados especiais) com colaboração de Paulo Sampaio – enviado especial. A matéria inicia destacando que Daiane dos Santos não transferiu responsabilidades pelo seu resultado, assumiu seu erro dizendo que é esporte, erra-se às vezes.

Os jornalistas destacam que Daiane não confirmou seu favoritismo. Para estes, o fato dela não transferir responsabilidades pela derrota é uma cena rara em um país acostumado a lamentos e justificativas. Os mesmos seguem fazendo comparação da atuação de Daiane com o desempenho do Brasil, que no mesmo dia assegurou três pratas ao se classificar para duas finais do vôlei de praia e futebol feminino (fotos). Como o mapa da Folha era global, relacionado ao aspecto nacional, ele continua fazendo referência e comparações do país em relação aos resultados e ao comportamento de Daiane.

Há um reforço da matéria do dia anterior. Mesmo sem a medalha, ainda assim, Daiane é um símbolo, porém econômico. Na mesma matéria, os jornalistas afirmaram que ela falou em mais treino e não em mais patrocínio, após a inesperada derrota. Daiane diz que não tem o que dizer, só treinar mais. “Eu queria mais de mim mesma. O vencedor é aquele que, quando perdeu, luta para um dia ganhar de novo”. O 5º lugar é a melhor colocação da história da ginástica artística brasileira em Jogos Olímpicos. Daiane comemorou por ter chegado à final e também ter homologado o duplo twist esticado, que ao ser executado nos Jogos, passou a configurar no código de notas, levando o nome de “Dos Santos”, valendo a maior nota.

Encerram os jornalistas: os feitos de Daiane são graças a uma nova realidade do esporte no país, que traz medalhas e demonstra maturidade como a de Daiane ao perder. A maturidade tratada pelos jornalistas é relativa à postura de Daiane ao assumir seus erros após o 5º lugar. Nada de choro de Daiane, também nada dramático por parte da cobertura da Folha. O referido jornal alinhou-se à postura de Daiane, ou seja, procurou

enquadrar a cobertura a partir de elementos objetivos, “como errei, perdi, vou treinar mais, e por isso não vou chorar”.

Um box junto à matéria apresenta o seguinte destaque: “no dia em que futebol e vôlei de praia alcançaram a final, ginasta perde o passo (destacado em negrito) e fica em 5º lugar”. Relacionado ao box e a matéria, podemos aferir que para a Folha o país não errou, mas, sim, Daiane ao dar o passo em falso. Na capa do jornal são passos em falsos. Não há uma co-responsabilidade pelo resultado, pois o país investiu em Daiane, segundo a Folha.

Na página quatro, caderno especial, a Folha apresenta o seguinte título: “Daiane arrisca seu melhor salto, sai do tablado e assume o ônus”. Linha de apoio: “Campeã mundial e favorita ao ouro, maior ginasta da história do país diz que a série da primeira fase lhe daria medalha e que a ansiedade lhe causou erro crucial”. Zero Hora apresentou uma foto de Daiane “protegida” pelo seu técnico, remetendo à idéia de “vamos protegê-la”. A Folha ilustra uma foto de Daiane sentada sozinha, após a sua apresentação. São *frames* distintos aliados à linha discursiva dos dois jornais.

ZH “trouxe” Daiane para perto, deu voz a pessoas da aldeia que faziam ou fazem parte da vida dela. Já a Folha objetiva pelo resultado político com sua vitória; credita a derrota à própria Daiane e a abandona após o resultado final. Legenda da foto: “Daiane dos Santos espera a divulgação de sua nota após seqüência do solo”. Na página 05, a Folha ilustra uma foto de pessoas assistindo à prova de Daiane. A foto é impessoal, não faz referência a um local específico da cidade, nem dá voz aos “torcedores”. É apenas uma demonstração da mídia pela mídia. Legenda da foto: “Torcedores vêm performance de Daiane em loja em São Paulo”.

A Folha afirma sua presença e sentença a resignação ao resultado, pois se os próprios brasileiros que estavam no ginásio não vaiaram a nota baixa de Daiane, os demais não deveriam reclamar (autoridade no discurso).

A Folha, ao contrário de ZH, não adjetiva Daiane, como a “gauchinha voadora”, mas, sim, como a brasileira. O referido jornal enquadra a narrativa dos fatos em função do contexto da prova, as reações da platéia, as personalidades esportivas presentes, as reações de Daiane com o seu resultado, mostra o mapa da prova, o mapa da derrota.

Ao lado da matéria apresentada acima, a Folha apresenta uma matéria sobre Memória. Título: “Rio Grande do Sul de Daiane foi pioneiro do esporte no país”. Os elementos regionais surgem na Folha através da produção local. A matéria destaca que a ginástica chegou ao Brasil em 1824 pelo Rio Grande do Sul, trazida por imigrantes. O 1º torneio foi em 1896, sendo que mais tarde chegou a São Paulo e Rio de Janeiro por clubes da colônia alemã. Destaca, também, os resultados do Brasil nos Jogos Olímpicos na ginástica, com a escalada da ginástica a partir de 1999. Associa os bons resultados à chegada de Oleg Ostapenko (ascensão de Daiane, 1ª medalhista brasileira em mundiais e na Copa do Mundo de ginástica), culminando com título da atleta no Mundial de 2003. A matéria traz elementos históricos, referendando o importante papel dos gaúchos na modalidade.

Como em ZH, a Folha apresenta uma matéria sobre o futuro de Daiane dos Santos. Na página quatro do caderno especial, a Folha apresenta o seguinte título: “Ginasta não sabe se “agüenta” chegar até 2008”.

Esse resultado, segundo os jornalistas, é um grande passo para quem foi descoberta há 10 anos em uma pracinha em Porto Alegre por uma professora, além de ser uma grande superação para quem sofreu três cirurgias. Aqui, a Folha exalta Daiane pela primeira vez e relativiza seu resultado. Busca o *frame* da história de vida de Daiane para afirmar suas conquistas pessoais.

Na página cinco do mesmo dia, a Folha mostra o “mapa” da derrota de Daiane, descrevendo com fotos os erros de Daiane na final, com o desconto na pontuação. Elementos técnicos são elucidados. Ao lado das fotos, há uma matéria que comenta que cada perda de equilíbrio na apresentação acarreta 0,05 a menos na nota final. Faz uma descrição minuciosa das etapas a serem avaliadas na série, e comenta que o duplo twist esticado de Daiane rende 0,3 a mais na nota. Finaliza, destacando que os erros cometidos por Daiane, como dar um passo para fora do tablado significa 0,1 a menos na média final. Título: “Juiz desconta ao menos 0,05 por perda equilíbrio”.

A Folha, em sua cobertura pós-final do solo, mantém um distanciamento de aspectos subjetivos em relação à Daiane. Ela é apresentada no jornal como um produto nacional que pode, ou poderia, ter dado certo. O jornal apresenta o que o país perdeu, por quais motivos, além de dar voz à Daiane. Não há marcas identitárias no texto da Folha. Em alguns momentos, o jornal refere-se à Daiane como brasileira, mas em grande parte a chama pelo seu nome. Importante referendar que Daiane perde o ouro, não é ovacionada nem protegida pela Folha, ainda que a mesma tenha passado por uma cirurgia de joelho pouco tempo antes da disputa Olímpica. Seu ‘drama’ não foi eleito como *frame* no agendamento da final, pois ela recuperou-se rápido e, em seguida, voltou a ser favorita à conquista do ouro.

No dia 25 de agosto (página 8), a Folha apresenta um box com a informação que o dia de apresentação de Daiane foi o que trouxe maior público para o esporte em Atenas, com 12.413 pessoas, sendo que a capacidade máxima era de 12.402. Faz um comparativo com a final individual geral do feminino, considerada a maior prova da modalidade, que vendeu 9.081 ingressos.

Em contrapartida, no mesmo dia, ZH dedica toda a página seis do caderno especial para cobrir os últimos momentos de Daiane em Atenas. Título: “É chato ser ídolo” . Linha de apoio: “Um dia depois de ficar sem medalha em Atenas, Daiane pede paz e descanso”. Abaixo, uma foto de Daiane com uma mochila nas costas, tênis nas mãos, dando entrevista para jornalistas. Legenda: Assediada a todo instante pela mídia, a gaúcha sonha em voltar a ter uma vida “normal”.

Em matéria assinada por Mário Marcos de Souza, ZH destaca que não são apenas as dores, treinamentos e pressão pelas vitórias que têm feito a ginasta gaúcha repensar sua vida. Daiane diz: “É meio chato ser ídolo”. Mário classifica como desabafo de Daiane e acrescenta que ela falou com naturalidade do peso de ser popular. Relata o jornalista que Daiane voltou ao lugar onde tinha perdido a chance de ganhar uma inédita medalha de ouro, de tênis, camiseta amarela e calção azul. Viu a festa de despedida da ginástica, as apresentações dos medalhistas, e acompanhou a exibição de Catalina Ponor, que não pisou fora do tablado como ela na final, e levou o ouro.

Ainda em vinte e cinco de agosto, Zero Hora dá destaque ao fenômeno de audiência que foi a final da prova de Daiane dos Santos nos Jogos Olímpicos de Atenas, não somente em Porto Alegre, mas também no Rio de Janeiro. Os jornalistas Mário Marcos de Souza e Júlio Cordeiro, destacam que antes de Daiane, só o futebol seria capaz de reunir multidões à frente da TV. Finalizam ressaltando que uma Daiane significa a valorização de um esporte como a ginástica. Juntamente com o título da matéria: “Fenômeno de audiência”, é destaque uma foto de brasileiros presentes no *Indoor Hall* em Atenas torcendo por Daiane.

O final sobre a final

Daiane dos Santos é uma oferta de sentidos. Fez de seus saltos e malabarismo a alegria de seus familiares e ganhou grande notoriedade nacional. Os demais brasileiros sentem-se contemplados pelo veio da representatividade, propiciando um universo simbólico que legitima seu fazer. O imaginário coletivo constitui-se de um universo vasto de formas simbólicas de representação.

A ação individual de Daiane dos Santos, através de seus carpados, frutifica fatos sociais de valor coletivo, inextricável com a história de vida de muitos brasileiros. Daiane, como todos nós, é produtora de fatos sociais, ora cerceados a nossos fazeres individuais, ora implicados com um grande grupo de pessoas. Esses fatos, não corriqueiros para nós, brasileiros, pela própria complexidade das manobras da “baixinha”, como também pelo esporte em questão. A ginástica de solo não faz parte do rol de esportes preferidos pelos brasileiros. Esse fator é importante para entendermos que, culturalmente, a modalidade da ginástica de solo, até o surgimento de Daiane.

Os amigos da escola, a família, os treinadores, os colegas de ginástica, os amigos dos amigos, todos falam de Daiane, todos significam a ginástica de solo pela brasileira negra da periferia de Porto Alegre. A menina pobre salta na vida, produz fatos ímpares até então. Sua posição social (a pobreza e sua cor de pele são elementos que referendam suas dificuldades), e os resultados anteriores nacionalmente a promovem futura promessa. Enfim, ela merece a atenção da mídia. Não a atenção da simples veiculação, mas, sim, de coberturas densas que mostrem as suas conquistas e trajetórias no esporte e na vida. Surge, então, a discursividade da mídia sobre os acontecimentos relativos à Daiane. A construção da notícia a seu respeito passa a ter inúmeras fontes. Que venha o acontecimento midiático! Que venha a atleta midiática!

Nada é produzido na mídia pela simples evidência dos fatos. Para que esses fatos transformem-se em acontecimentos midiáticos, é necessário um grande operador de sentidos. O discurso midiático presta-se a tornar acontecimento midiático as práticas sociais afeitas a serem midiáticas. A continuidade da oferta de sentidos, a disponibilidade ao campo dos medias, os resultados conquistados em grandes eventos esportivos de visibilidade pública global, a possibilidade de outras conquistas, enfim, tudo converge para tornar a negra Daiane dos Santos em midiática.

As estratégias dos medias para transformar em discurso as ações sociais, são deflagradas por peculiaridades que são ofertadas pelas próprias ações dos sujeitos. Um processo de agendamento/ tematização precisa de uma processualidade, de uma continuidade de ações dos campos sociais para que a produção midiática enquadre esses acontecimentos a partir de suas lógicas. O campo esportivo oferece ao campo dos medias essa continuidade. A cada quatro anos temos Jogos Olímpicos, neste entremeio temos Jogos Pan-Americanos, etapas de Copa do Mundo das mais variadas modalidades esportivas, enfim, o campo esportivo pulsa ininterruptamente, e, conseqüentemente, oferta-se ao campo midiático.

Acontecimentos segundos ocorrem em função do próprio discurso midiático sobre os acontecimentos. Os *frames* são construídos, alinhados à metacontecimentos que são inscritos na ordem do discurso. Para Rodrigues (1999), essa prática configura-se na ordem da visibilidade simbólica de representação cênica. Daiane é favorita ao ouro Olímpico, porém o quanto representa este favoritismo dependerá dos enquadramentos, da construção de mapas de significado via campo dos medias. A notoriedade do discurso midiático acelera ou desacelera o imaginário coletivo acerca da conquista do ouro por Daiane.

Em vários momentos da cobertura, os jornais analisados aguçaram o imaginário⁶ coletivo construindo *frames* que indicavam a conquista do ouro e também desaceleraram ao relatar em suas coberturas outros elementos constitutivos do campo esportivo que relativizavam a tão “certa” conquista. A oferta de Daiane como campeã do mundo de ginástica foi vastamente reiterada durante a cobertura dos jornais, ao passo que quanto mais próxima a final, mais elementos relativos a adversárias vinham à baila na cobertura.

A mídia é um importante operador das lógicas de identidade cultural pelo discurso. A proposição de Jacks (1999), para quem a identidade cultural desempenha um papel fundamental na interação entre os sujeitos e a realidade circundante, mediando os processos de produção e de apropriação de bens culturais. ZH, além de reafirmar elementos de representação que simbolicamente constituem a identidade cultural, didaticamente tematizou a modalidade ginástica artística, especificamente a ginástica de solo, prova de Daiane. A partir do discurso midiático sobre o seu favoritismo, temos a *mediatização*⁷ do resultado da atleta brasileira, que passa a ser construído a partir dos *frames* de cada jornal. ZH e Folha operam simbolicamente a atleta dentro de suas lógicas locais e globais.

Nesse encaminhamento, afirma-se que a natureza espetacular do esporte faz dele um importante deflagrador do imaginário social coletivo. Na definição desse aspecto, a mídia estabelece uma reorganização do espetacular no caso do jornal, através de seu discurso. A forma como ZH e Folha veicularam suas fotos em relação à Daiane dos Santos representa o espetacular midiático, tanto na ordem da ação de Daiane, como na ordem do discurso dos medias. Debord (1997) afirma que espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens (p. 14). Acrescentaríamos na fala de Debord a *mediatização*, sendo esta a responsável pela reconfiguração dos acontecimentos esportivos em midiáticos e, por conseguinte disseminados no tecido social.

A discursividade sobre a espetacularização realizada pelos jornais de referência foi recontextualizada para a lógica discursiva dos medias. A televisão veiculou inúmeras matérias acerca de Daiane, auxiliando a própria construção do discurso espetacular, deflagrando o processo de tematização estabelecido na cobertura de Daiane correlacionado com a veiculação via jornais. A linguagem televisiva associada à cobertura do depois do ocorrido do jornal, propiciam o discurso social *mediatizado*. Todos falam sobre as disputas olímpicas, a participação brasileira e, logicamente, sobre Daiane dos Santos.

A própria teoria do agendamento deixa claro que os medias não determinam no como pensar, mas, sim, sobre o que pensar (Traquina, 2000). Nesse sentido, Daiane passa a fazer parte das conversas de bar, da escola, do trabalho, enfim, a participação da “gauchinha de ouro” nos Jogos Olímpicos recebe a atenção dos brasileiros. Nesses termos, a ação social dos sujeitos passa a ser produtora de fatos sociais em nossa cadeia interpretativa, porém com enquadramentos de outros campos sociais.

Elementos sócio-simbólicos, elegidos na cobertura dos jornais, bem como aspectos relativos à performance da atleta, são interpretados de diversas maneiras pelos

⁶ Tudo o que nos apresenta no mundo social e histórico está indissociável entrelaçado com o simbólico, reafirma Castoriadis (1982, p. 139). “Não que se esgote nele. Os atos reais, individuais ou coletivos – o trabalho, o consumo a guerra, o amor, a naturalidade – os inumeráveis produtos materiais sem os quais nenhuma sociedade poderia viver um só momento, não são (nem sempre diretamente) símbolos. Mas uns e outros são impossíveis fora de uma rede simbólica” (CASTORIADIS, 1982, p. 142).

⁷ Ao expressar que *mediatização* configura-se como uma ordem de mediações socialmente realizadas no sentido da comunicação entendida como processo informacional, Sodré (2002) remete-se a um sentido particular de interação – “*tecnointeração*”-, caracterizada por uma espécie de prótese tecnológica e mercadológica da realidade sensível, denominada *medium*.

sujeitos. O alinhamento mental entre o que é veiculado e o como os sujeitos interpretam efetivamente a notícia, é da ordem do subjetivo. O *frame* estabelecido pelos veículos acerca da notícia tenta proporcionar um alinhamento mental, trazendo o discurso para a ordem do significado dos sujeitos.

Doravante, entendemos que o veiculado pelos medias e transformado em discurso social midiaticizado terá implicações na construção de novos fatos sociais. O consumo é algo que representa esta proposição. Por mais que não falamos aqui em bens de consumo duráveis, mas, sim, em bens simbólicos, os medias estruturam seu discurso dentro de uma lógica de mercado em função de seus públicos consumidores com necessidades específicas. Assim, ZH enquadra Daiane dentro de suas lógicas editoriais e de mercado. Os gaúchos historicamente constituem-se de elementos sócio-simbólicos como o Hino Rio-Grandense, o chimarrão, a indumentária, a própria linguagem. Por esta especificidade cultural, ZH produz para seu mercado, alinhado de antemão às coberturas através de *frames* que possam ser reconhecidos dentro dessa estrutura cultural nomeada acima.

A reverberação das práticas sociais dos gaúchos estende-se para a cobertura sobre Daiane, que nada mais é do que a “gauchinha de ouro”. Já a Folha de São Paulo, estrategicamente tenta e assim deseja configurar-se como um jornal internacional, sendo assim, procura enquadrar a atleta brasileira dentro de uma lógica expressa em números, objetiva e linear. Daiane torna-se simbolicamente o discurso do mercado de capitais, que não se interessa pela fome no mundo, pelo desemprego, mas, sim, preocupa-se expressamente com o rendimento. A “máquina” precisa funcionar engrenada. Um discurso contextual relativo à identidade cultural em relação à Folha de São Paulo seria inviável pela proposta mercadológica estabelecida por esse veículo. A gauchinha de ouro ou o sucesso mercadológico, assim se faz a construção midiática de Daiane dos Santos, “apenas” uma atleta.

Referências bibliográficas

CASTORIADIS, Cornelius. A Instituição Imaginária da Sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

GASTALDO, Édison Luis. Irving Goffman, antropólogo da comunicação. In: GASTALDO, Édison Luis (org). Irving Goffman: desbravador do cotidiano. Porto Alegre: Tomo, 2004.

HALL, Stuart et. al. A produção social das notícias: O ‘Mugging’ nos Media”. In: TRAQUINA, Nelson. (org). Jornalismo: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1999.

_____. O poder do jornalismo: análise de textos da teoria do agendamento. Coimbra: Minerva, 2000.

JACKS, Nilda. Querência: cultura regional como mediação simbólica – um estudo de recepção. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

MOUILLAUD, Maurice. A crítica do acontecimento ou a fato em questão. In: PORTO, Sérgio Dayrell (org.). O Jornal: da forma ao sentido. 2ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

Narrando o fracasso: a locução esportiva na decisão da Copa de 1998. Intercom: Campo Grande/MS, 2001.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson. (org).
Jornalismo: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1999.
SODRÉ, Muniz. Antropológica do espelho. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
TRAQUINA, Nelson. Jornalismo: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1999.

Rua 19 de Novembro, número 116 casa 20. Novo Hamburgo/RS/Brasil. CEP: 93534-490.

Email: sanfeliceg@bol.com.br

Recurso tecnológico: data-show

